

Los Hermanos

Rogério Leão
slcastello@yahoo.com.br

Dia 13 de maio, duas horas da tarde, já era possível encontrar pequenos grupos de jovens na entrada principal da Fundação Progresso, no Rio de Janeiro. A tradicional casa de shows, com ar de centro cultural, iria receber nessa mesma noite a festa Loud e o conjunto carioca Los Hermanos.

Entre as idas e vindas pelo Brasil e pelo exterior da turnê do disco 4, o conjunto Los Hermanos não só realizou mais uma ótima apresentação em sua cidade natal, mas também se apresentou para seu público mais fiel. A festa Loud, na Fundação Progresso, é um dos pontos mais estratégicos possíveis para uma apresentação da banda.

Há mais de uma década, a Fundação Progresso serve de ponto de encontro para a cena independente carioca. Durante a década de 90, muitos foram os eventos alternativos com grupos que surgiam, como Vulgue Tostoi, Funk Fuckers e Planet Hemp. A partir do final daquela década, esses conjuntos começaram a ser acompanhados por outros artistas. Cursos de música, teatros, ateliês e estúdios de dança migraram para o que veio a se tornar um centro pulsante de produção artística. E como o processo natural das coisas funciona, antes mesmo da banda ser abraçada pelo gosto nacional já existia um público fiel que seguia todos os passos da banda.

Os instrumentos utilizados pelo conjunto deixam claras as suas influências. Instrumentos usados que precisaram ou não de reparos. Equipamentos bem distantes da realidade carioca e comparáveis, sim, com as influências estrangeiras da banda como Weezer ou Radiohead. Obviamente, não está aqui dito que eles são os únicos que procuram por tais instrumentos. Muitos outros músicos, principalmente em São Paulo, gastam horas de seus dias procurando por lojas de instrumentos usados em busca de um timbre característico. O diferencial é o fato

de que o Los Hermanos talvez seja a banda mais bem-sucedida do mercado musical brasileiro a ter essa preferência e, por conseqüência, a que melhor pode sustentar esse caro e complicado hábito.

Durante o show, o espectador pôde presenciar uma banda formada por uma série de conjuntos diferentes. São quase incontáveis as combinações possíveis, levando em conta os quartetos (com Marcelo Camelo ou Rodrigo Amarante tocando contrabaixo), quintetos (com o baixista Gabriel Bubu tocando contrabaixo ou guitarra junto a Marcelo Camelo ainda como baixista) ou com essas possibilidades acrescidas dos instrumentistas de sopro Valtecir "Bubuzão" Freitas Silva no trompete, Luis Pimenta Monteiro no Trombone e Marcelo "Índio" Costa no sax tenor e clarineta.

Shows onde existem muitas mudanças de instrumentos podem criar um ambiente de variedade muito interessante, mas a constante movimentação dos músicos de um instrumento para outro não raramente faz com que se criem longas pausas. Brechas dentro da apresentação acabam se tornando pequenas duchas frias. Para que esse efeito fosse minimizado, são montados dois sistemas de bai-



A Hofner Verithin de Camelo

Fotos: Divulgação



O clássico Yamaha Cp20



A bateria de Rodrigo Barba

xo no palco. Um dos sistemas é exclusivo de Bubu, enquanto o segundo é usado tanto por Marcelo quanto por Rodrigo.

Os dois sistemas não poderiam se diferenciar mais. De um lado o equipamento de Bubu. Um baixo elétrico exclusivo fabricado pelo luthier Gil, do Rio de Janeiro, suas caixas coloridas e reluzentes com um amplificador Ampeg Svt 3-Pro e pedais bem atuais, quase todos da Boss. Da marca, Bubu usou um Hyper Fuzz, um afinador e um line selector enquanto usava ainda um Guyatone BB2.

Do outro lado dos baixos, encontram-se duas antiguidades: um contrabaixo italiano Sonelli modelo Hispaña ligado direto a um amplificador Yamaha B100 II com uma caixa de um alto-falante de doze polegadas da mesma época. Os instrumentos italianos desde a década de sessenta se destacam pelo seu design típico, cheio de degradês e madrepérolas e seus timbres exóticos com formatos não tradicionais e materiais únicos. Eles foram os primeiros a trazer o uso de plásticos para a fabricação de instrumentos.

Agora, se Amarante e Camelo usaram um contrabaixo ligado diretamente ao amplificador, eles não economizaram nos pedais em seus instrumentos principais. No palco, um grande espaço estava sendo ocupado pelos dois cases de pedais e alguns outros efeitos que não couberam nas mesmas e estavam conectados ao redor.

A superfície dos pedais do vencedor de melhor músico no prêmio multishow era a maior das duas e apesar de ter muitos efeitos seguia um padrão muito simples, uma

série de efeitos conectados em série e alguns efeitos mais exóticos conectados através de um loop. Primeiramente, as guitarras passam por um seletor de canais morley que vai para um afinador Boss tu-2 (igual ao do Bubu e do Camelo). Em seguida, estão três pedais de distorção, dois Turbo Rats e um Fox Drive. Esse pedal é feito sobre encomenda pelo Dan's amp, em São Paulo. Ele também é responsável pela manutenção dos equipamentos do grupo e pela construção das coloridas caixas do Bubu. As conexões em série acabam com um pedal de delay Danelectro Dan'echo e um Boss psm-5 que é responsável pela seleção do loop de efeitos. Dentro do loop, estão ligados nessa ordem um wah automático Dunlop Q-zone, um tremolo Lux, um Mr. Vibromatic da Sib, um delay Boss DM-3 e um antigo pedal Giannini super fuzz.

A combinação dos pedais de Marcelo era um pouco mais simples. Em série, estavam conectados a um afinador Boss, um tremolo Voodoo Labs, algumas distorções, um reverb Rv-5 da Boss, outro reverb, dessa vez um Holygrail da Eletro-harmonix e um delay Dd3 da Boss. As distorções eram nessa ordem: um "The Rat da ProCo, um doublé Muff da Eletro-Harmonix e um Ibanez Ts9. Uma distorção, um fuzz e um overdrive, respectivamente.

A amplificação das guitarras nesse show foi uma exceção, mas surpreendentemente simples. Os dois músicos estavam conectados em amplificadores Fender Hotrod Deville iguais, exceto pela combinação de alto-falantes, dois

alto-falantes de 12 polegadas no caso de Amarante e quatro de 10 polegadas no caso de Camelo. O exótico nessa situação era a substituição da já conhecida potência 295 e caixa mesa boogie de Camelo. O músico já há algum tempo vem tentando substituir o primeiro amplificador que ele comprou por outros equipamentos, mas nunca se sente confortável o suficiente para deixar o mesmo totalmente de lado.

Antes de falarmos sobre as guitarras usadas no show vamos fazer uma intervenção para falarmos sobre os outros dois membros fundadores da banda: Rodrigo Barba e Bruno Medina. São eles, respectivamente, o baterista e o tecladista do grupo. Seus equipamentos de palco são bem simples. Rodrigo usa uma bateria Dw de maple com um tomtom, pratos Zildjian Avedis e peles Evans. Bruno usa um teclado Nord junto a uma pequena escaleta e um outro clássico da Yamaha, o piano elétrico CP 20.

Já Camelo só trouxe um instrumento para o evento. Tratava-se de uma guitarra Hofner Verithin de aproximadamente 1966. O próprio músico não sabia dizer qual o modelo do instrumento, já que ele se trata de um modelo especial com cortes florentinos e com três captadores ao invés dos tradicionais dois dos outros modelos da mesma época (corte florentino significa que os espaços para acesso às casas mais altas do braço seguem um padrão estético típico, mais especificamente profundo e anguloso).

Pudemos localizar várias excentricidades durante o show, fossem elas nas combinações dos músicos ou nos equipamentos usados, e essa é uma das razões pelas quais o conjunto conseguiu criar uma identidade tão clara. Seus acordes em inversões típicas de bossa nova, passando por distorções mil e acompanhados por timbres tão instigantes quanto extremos e mais ainda as vezes claramente "João Gilbertianas" fizeram do Los Hermanos um conjunto merecedor do seu sucesso. 